

FERNANDES, Eduardo, "Cidades Genéricas", *J – A, publicação bimestral da Ordem dos Arquitectos*, nº 209, Jan./Fev. 2003, Lisboa, O. A.

Cidades Genéricas

é um texto de 7.500 caracteres expressamente elaborado para o concurso "Prémio de crítica JA" que também se poderia chamar *Death and Life of Great American Edge Cities*, *Learning from Metapolis* ou *Deus nos livre*.

1. Definição: "Generic City". 1.1 Este texto tem como primeira referência o texto de Rem Koolhaas, "Generic City".¹ **1.2** Koolhaas defende que: existe um

novo tipo de cidade contemporânea, que não tem história, identidade ou carácter; é uma cidade libertada da reclusão do centro, do colete de forças da identidade; se é pequena, expande-se; se é velha, autodestrói-se e renova-se; abandona o que não funciona (essa é a sua originalidade) e aceita seja o que for que nasça no seu lugar. **2. Identidade: a cidade genérica não existe. 2.1**

A cidade genérica (c. g.), entendida como espaço urbano sem identidade, cidade "igual às outras", é uma definição aplicada por quem está de fora, pelo turista, pelo visitante ocasional. **2.2** Quem habita um espaço urbano durante tempo suficiente para se relacionar minimamente com o território não sente a sua cidade como c.g.: sente-lhe sempre uma identidade própria, consegue distinguir as suas características particulares, consegue estabelecer a diferença entre a sua e milhares de outras cidades semelhantes (essas sim, entendidas como c. g.). **2.3** A emergência da c. g. é um fenómeno de percepção: o ritmo exponencialmente acelerado da vida urbana de hoje diminui, de facto, o tempo de relação dos habitantes com o espaço urbano e a forma como se desenrola o dia a dia dos habitantes da cidade tende a valorizar as relações virtuais em prejuízo das relações com os espaços. **2.4** Assim, o que se passa hoje não é a emergência de um fenómeno físico novo, mas a generalização de uma percepção genérica dos espaços urbanos. A diferença não é tão subtil como parece... **3. História: a cidade genérica sempre existiu. 3.1**

Se qualquer cidade sem história é, por definição, uma c. g., convém lembrar que a história está cheia de cidades sem história; assim, seriam genéricas as primeiras cidades dos vales férteis da Babilónia (ao momento do seu nascimento), as colónias gregas na costa da Anatólia (quanto

¹ In KOOLHAAS, R.; MAU, B. SMLXL (New York: Monacelli Press, 1995).

se começaram a construir as primeiras casas sobre a grelha de Hippodamos), as cidades coloniais do Império Romano, as “poblaciones” e “bastides” construídas em Espanha e França no final da Idade Média, as cidades fundadas em África e nas Américas a partir do século XVI, etc. **3.2** Hoje, muitas destas cidades são a antítese de uma c. g.: a antiga vila gaulesa de Lutécia foi tornada genérica pela ocupação romana, pelas obras do “estilo internacional” renascentista (semelhantes a tantas outras realizadas na Europa do Sul) e ainda pelas obras de Haussman; apesar de tudo isto, e por causa de tudo isto, Paris é hoje um exemplo consensual de uma cidade de grande carácter (“Paris can only become more Parisian”).² **4. Zeitgeist: a cidade genérica tem de existir.** **4.1** O conceito de c. g. foi inventado por essa curiosa personagem surgida no final do século XX que é o arquitecto globalizado (a. g.); O a. g. tem obra nos cinco continentes, abriu filiais do seu escritório em dezassete países e lecciona, dá conferências, participa em seminários e workshops em 1.357 universidades espalhadas por todo o mundo. O a. g. perdeu as raízes, não pertence a lado nenhum, é supranacional; o conceito de c. g. redimiu-o da sua situação de orfão do mundo. **4.2** Os teóricos da supermodernidade precisavam deste conceito para justificar a nova fuga à história que caracteriza o discurso de vanguarda do 3º milénio: acabou a história da cidade, acabou a história na cidade, acabou (outra vez...) a história. **4.3** Vivemos novamente um período enebriante: o fim da guerra fria, a revolução informática, a globalização, o novo milénio... tal como nos anos 20, a tentação da tábua rasa é grande: os novos Marinetti sentem a vertigem da mudança - um computador a navegar na internet, saltando velozmente de site em site, é mais belo que a Victória de Samocrácia; perante os excessos da sociedade de informação, menos é cada vez mais; começou (outra vez) uma grande época - existe um espírito novo; etc... **4.4** Tal como nos anos 20, os mestres da viragem do milénio têm de fingir que não sabem história para acreditar que aquilo que fazem e dizem é completamente novo... **5. Conceitos: “Generic City”, “Edge City”, “Fractured Metropolis”, “Metapolis”, “Não lugares”.** **5.1** O conceito de Edge

² Idem, pág. 1248.

City de Garreau³ tem, à primeira vista, muitas semelhanças com o de cidade genérica de Koolhaas. Difere essencialmente no modo de abordagem: Garreau estuda a Edge City do ponto de vista do morador. Fenómeno urbano tipicamente americano, a Edge City é definida como todo o lugar que é auto-suficiente em termos de oferta de emprego, equipamentos, cultura e lazer, tem importante oferta de escritórios e comércio, possui um ou mais pólos de atractividade, não existe como estrutura urbana há mais de 30 anos e é entendido como um lugar pela sua população. Pode, portanto, ter identidade, independentemente de, para o observador exterior, ser "igual a tantas outras"... **5.2** O que não existe na Edge City, tal como Garreau a define, é uma forma urbana que corresponda àquilo a que nos habituamos a chamar cidade; por isso, "Edge City still gives people the creeps"⁴ - elas formam aquilo a que Barnett⁵ chama (depreciativamente) "Fractured Metropolis", uma cidade explodida à escala do automóvel. **5.3** Para transportar este conceito para a Europa, onde a escala do território e o poderio económico dos promotores imobiliários é bastante inferior e a intervenção dos poderes públicos sobre o uso do solo menos liberal, é importante o conceito de Ascher⁶ - "Metapolis"- que analisa sobretudo as novas maneiras de viver a cidade, resultantes de transformações económicas e sociais dos últimos 30 anos. **5.4** Aqui, no território Europeu, não encontramos cidades claramente "Edge" ou "genéricas", mas fragmentos de espaço urbano com estas características e vivências urbanas correspondentes a este carácter: "não lugares" (na definição de Augé), "espaços que não podem definir-se como identitários, relacionais ou históricos".⁷ **6. Case Study: o Porto, cidade genérica.** **6.1** O espaço urbano usualmente designado por "Grande Porto" tem sofrido um processo de transformação (nos últimos 30 anos) que transformou a sua anterior organização, com dependência directa de um centro, num complexo conjunto de relações policêntricas. **6.2** É cada vez mais evidente o esvaziamento habitacional do centro tradicional da cidade do Porto, consequência de um

³ GARREAU, J. Edge City (New York: Anchor Books, 1988).

⁴ Idem, pág. 9

⁵ BARNETT, J. The Fractured Metropolis (New York: Harper Collins, 1995).

⁶ ASCHER, F. Métapolis ou l'avenir des villes (Paris: Ed. Odile Jacob, 1995).

⁷ In AUGÉ, M. Non-Lieux (Paris: Ed. Du Seuil, 1992), pag. 83.

conjunto de circunstâncias anormais (a lei das rendas, as políticas de habitação social levadas a cabo desde os anos 50, a descentralização da universidade iniciada nos anos 80) que agravaram a natural tendência de deslocalização habitacional causada pela terciarização da zona central. **6.3** A criação de pólos comerciais de grande dimensão nas periferias imediatas da cidade esvaziou-a também das suas responsabilidades exclusivas como centro de comércio e diminuiu a sua capacidade atractiva como espaço de lazer: às tradicionais áreas da Ribeira e da Foz juntam-se actualmente o parque da cidade e os Hipermercados da periferia como os principais espaços de ocupação de tempos livres. **6.4** O espaço urbano do Grande Porto é assim, cada vez mais, uma entidade pluricêntrica; se o centro tradicional tem ainda a mais valia do seu valor patrimonial e histórico, este parece ser um aspecto decisivo apenas para o turismo e para as elites intelectuais e artísticas: não é suficiente para conservar a generalidade dos seus moradores. O centro histórico do Porto está hoje prisioneiro na "ratoeira" da sua identidade, enquanto os seus habitantes continuam a fuga para as c. g. da periferia... **7. Métapolis, Edge city, Cidade Genérica: utilidade dos conceitos.** **7.1** É hoje cada vez mais evidente que os verdadeiros problemas das cidades não estão nos centros, mas nas periferias. Mas embora a intervenção na cidade não estabilizada levante problemas distintos (se não opostos) em relação à intervenção na cidade tradicional, a tentação de repetir processos e "receitas" é grande. **7.2** Tentar estabilizar o instável, tentar conferir carácter ao genérico ou inventar história para o recente é quase sempre contraproducente, muitas vezes prejudicial e por vezes ridículo... **7.3** A importância destes novos conceitos está em subverter todos os pressupostos qualitativos tradicionais sobre a cidade, herdeiros ainda da clássica ideia de Jane Jacobs⁸ de espaço urbano. É uma "tábua rasa" dos valores correntes e consensuais do desenho urbano, obrigando a repensar as definições tradicionais, com uma maior elasticidade de conceitos. Consequentemente, obriga a reequacionar os métodos de intervenção arquitectónica e urbanística na cidade, entendida

⁸ JACOBS, J. The Death and Life of Great American Cities (New York: Penguin Books, 1961).

como um todo e não com o habitual binómio maniqueísta centro-periferia, urbano-suburbano, bonito-feio, bom-mau, habitável-Deus nos livre...